



PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO XVI - Nº 163 - SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 1971 - RED. R. LIBERO BADARO, 488 - 5.º ANDAR - S/ 50 - C. POSTAL, 6248 - PREÇO Cr\$ 0,50

CARTA A CAETANO

Os signatários, brasileiros e portugueses, reunidos em São Paulo, para comemorar o 61.º aniversário da Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910, vêm acompanhando com apreensão a marcha da conjuntura portuguesa. O encerramento de numerosos Sindicatos, a invasão de Universidades pela Polícia, a prisão de dirigentes operários e estudantes e, de modo geral, de elementos da Oposição democrática, a aprovação de uma Lei de Imprensa que limitou ainda mais o direito à liberdade de expressão, o aumento do número de refractários e desertores, a emigração maciça e o prosseguimento de guerras coloniais que foram, repentinamente, concedidas pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral das Nações Unidas comprovam a existência de uma situação incompatível com as promessas de democratização e de respeito aos direitos da pessoa hu-

mana feitas por V. Exa. há três anos ao tomar posse do cargo que ocupa.

Nesta conformidade, interpretando o pensamento de milhares de portugueses espalhados pelo mundo e de brasileiros solidários com o povo português, solicitamos V. Exa. se digne tomar as providências necessárias para que todos os presos políticos sejam libertados, observadas as garantias constitucionais, restabelecida a paz em África e concedido aos povos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé, Angola e Moçambique o direito à autodeterminação e à independência.

São Paulo, 5 de Outubro de 1971
Além de todos os portugueses presentes, esta carta foi assinada por muitos brasileiros, entre os quais os Professores Antonio Candido de Mello e Souza, Carlos Guilherme Motta, Dulce Helena Ramos e Giselda Motta.



O Prof. Carlos Guilherme Motta, da Universidade de São Paulo, falando no Acto comemorativo do 5 de outubro, realizado em São Paulo. A sua direita D. Mercedes Soromenho, viúva do escritor Castro Soromenho; à esquerda Carlos Assumpção Neves, vice-presidente do Centro Republicano Português.

O 5 DE OUTUBRO EM SÃO PAULO

"Perdas das escoras no mundo africano, chegará a hora de olhar para dentro de casa e iniciar a limpeza das telas corporativas e das peles forjadas durante mais de quarenta anos. Ai, então, a história portuguesa poderá retomar o curso de uma verdadeira trajectória, e a oposição anti-fascista, unida, poderá repensar 1910, e refazer um caminho digno de ser trilhado e comemorado".

Quando o prof. Carlos Guilherme Motta, da Universidade de São Paulo, proferiu essas palavras, ao terminar um belo discurso, no dia 5 de outubro, mais de uma centena de portugueses e brasileiros presentes saudaram-nas com uma prolongada e calorosa ovacão. Uma ovacão merecida porque elas sintetizavam expressivamente os sentimentos dos democratas que se reuniram em São Paulo, para comemorar a passagem do 61.º aniversário da Revolução Republicana de 1910.

Como em anos anteriores, a data do 5 de Outubro serviu de pretexto para uma grande jornada de contra-instituição democrática.

O tradicional jantar foi presidido pelo eng. Jorge Figueiredo de Figueiredo que dirigiu o ato, a convite do vice-presidente do Centro Republicano Português, Carlos Assumpção Neves. Em breve mas expressivo improviso, Jorge Figueiredo de Figueiredo falou sobre o significado da data, lembrando que a presença de tantos portugueses, 61 anos após a Revolução de 1910 e 45 depois da implantação do fascismo, constituía uma prova da firmeza das convicções democráticas e republicanas dos antifascistas portugueses do Brasil que se batem contra o regime ditatorial que oprime Portugal.

Secundamente, o secretário do Centro Republicano, Alexandre Pe-

reira, leu grande numero de telegramas e cartas enviados por portugueses e brasileiros impedidos de comparecer. Do Rio de Janeiro chegou uma saudação assinada por Amando Peixoto, João Correia, António Bravo, Eugénio Mercês, José Bastos, Amílcar Mercês, Jaime Sabino, Lúcia da Veiga Leitão,

José Valverde, Manuel Neto e Joaquim Simões. Francisco Vidal, nosso companheiro de redacção, enviou também um telegrama. Foram lidas, depois mensagens de Abílio Rodrigues da Silva, Antonio Seabra e José Seabra. De Paris, o nosso antigo companheiro de redacção Joaquim Barradas de Carvalho expediu o seguinte telegrama:

"Recordando anos de luta unitária anti-fascista, em São Paulo, associamo-me calorosamente comemorações Revolução Republicana de 5 de outubro de 1910, certo de que o povo de Portugal acabará derrubando a ditadura que o oprime há 45 anos.

Do Clube da Velha Guarda "Ala Imperial" e do Grande Oriente Espanhol no Exílio foram igualmente recebidas mensagens, destacando-se uma vibrante saudação do Centro Gallego-Centro Democrático Espanhol.

O eng. Sylvio Band, grande amigo de Portugal e um dos fundadores, em 1961, do Movimento Brasileiro de Solidariedade à Angola

(MABLA) enviou o seguinte telegrama: "Não podendo estar de corpo presente a esta nossa — me permitam — grata comemoração, presente estarei em todos os orçamentos sentidos, como sempre em tudo o que se refere a atividades do Centro Republicano Português e do Jornal Portugal Democrático. Quero enviar minha atenciosa e vibrante saudação a todos os democratas portugueses, comendando com os ideais de luta heroica e tenaz por um verdadeiro Portugal democrático e livre".

Durante o acto foi lida, aprovada e por aclamação e assinada por todos os presentes, a carta endereçada ao Sr. Marcelo Caetano cujo

texto publicamos noutro lugar desta edição.

Os discursos dos professores Carlos Guilherme Motta e Vitor Ramos — publicados noutras páginas — foram entusiasticamente aplaudidos.

No final, Jorge Figueiredo de Figueiredo prestou justa e comovida homenagem ao escritor e professor Adolfo Casais Monteiro nosso antigo companheiro de redacção — impedido de comparecer por motivo de doença.

NESTA EDIÇÃO:

MEMORIAL DOS PORTUGUESES DA AMÉRICA AS NAÇÕES UNIDAS

A BATALHA PROSSEGUE

Comemorar o 5 de Outubro é, na opinião de muitos democratas bem intencionados, um acto de saudosismo estéril. Nossa opinião é diferente. As comemorações civicas da Revolução Republicana de 1910 têm uma importância política que não deve ser subestimada. Os anti-fascistas que, em Portugal e no exílio, se reúnem para recordar a jornada de 5 de Outubro não são pessoas voltadas para o passado, mas combatentes da liberdade empenhados nas lutas do presente e com o pensamento posto nas tarefas do futuro.

Uma das figuras mais lúcidas e brilhantes da INTELIGÊNCIA latino-americana, o Professor Antonio Candido de Mello e Souza, afirmou um dia que via nas celebrações da Revolução de 1910 pela emigração portuguesa uma prova da sua vitalidade e da sua indomável vontade de contribuir para a instauração em Portugal de um regime democrático e progressista. Os fatos provam que o eminente mestre tem razão. No que diz respeito ao Brasil, a jornada de confraternização de 5 de Outubro demonstrou, mais uma vez, que, apesar das condições ingratas em que se desenvolve a sua luta, os anti-fascistas portugueses radicados neste grande país irmão não perderam a fé na vitória final e se apresentam unidos contra o inimigo comum. As palavras pronunciadas no acto público realizado em São Paulo e a carta enviada a Marcelo Caetano revelam com meridiana clareza que os elementos mais combativos da Oposição portuguesa do Brasil continuam cumprindo a tarefa que lhes cabe na luta contra o Caetanismo. Consideram um dever denunciar,

incansavelmente, os crimes do regime fascista e colonialista e contam para tanto com a reconfortante ajuda de figuras destacadas da intelectualidade brasileira e de gente simples, cujos sentimentos fraternos traduzem a solidariedade profunda que liga o povo do Brasil ao de Portugal.

É altamente significativo que todos os portugueses presentes na jornada do 5 de outubro, em São Paulo, tenham assinado o Memorando enviado às Nações Unidas condenando o colonialismo. Esse documento já se tornou quase uma tradição. De certo modo, poder-se-ia dizer que se trata da mais importante iniciativa anual da emigração democrática portuguesa nas Américas. O Memorando à ONU não constitui apenas uma prova convincente da unidade existente entre os nucleos anti-fascistas que em seis países americanos participam organizadamente da batalha contra a ditadura que oprime 9 milhões de portugueses e afoga em sangue os anseios de independência de 13 milhões de africanos. É, também, um acto de denúncia cuja repercussão internacional aumenta de ano para ano. O Memorando dos democratas portugueses da América será, uma vez mais, distribuído, pela própria Secretaria das Nações Unidas, a todas as Delegações que participam da XXVI Assembleia Geral da mais alta Organização internacional. E acreditamos que, tal como vem acontecendo, seja amplamente divulgado pela imprensa internacional, especialmente na América Latina.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

REVISTA DE JORNALISTAS, HOJE

Publicamos abaixo a integra da intervencao do prof. Vitor Ramos...

"Falar da Revolucao Francesa... de outubro corresponde a abrir uma verdadeira ferida

Portugal conseguiu em 1910 derubar uma estrutura de quase oito seculos que, corrompida e descripta...

Havia, e houve, que comecar tudo de novo... cada passo no caminho dessa organizacao era um novo problema

Houve que amparar e ressuacitar uma liberdade... verdadeira — que sofrera severos atentados nos ultimos anos do Estado Novo

A Republica cita a implantacao hoje estamos comemorando foi alinda mais longa nas suas reformas

Tudo isso a Republica fez em 1910 e por isso a comparamos a Revolucao Francesa... Poderemos talvez, ou antes devamos certamente, censurar nos dois casos a indiferencia em relacao ao problema social

mas isso pode ajudar-nos a compreender por que a Revolucao francesa apenas 16 anos e se entregou praticamente inerte nas mãos dos seus inimigos em 1929...

23 anos depois, Salazar é chamado ao poder, do fascismo italiano... ele copiará tudo, desde a estrutura economica...

Pertanto um regime deste tipo que desde entao, passa a dominar o pais, assente numa organizacao policial ferrea...

Em linhas muito gerais, resulta esta a esquma em que o fascismo enquadra Portugal desde 1926... digamos a morte de Salazar, e assim chegamos a uma situacao em que até é fatigante repeti-lo...

Com a queda de Salazar da cadeira de balanço em que gozava o repouso merecido por ter reduzido o pais a uma situação de guerra...

Infelizmente, estas esperanças depressa foram desmentidas. As estatísticas das Nações Unidas para 1970 ainda não chegaram às mãos...

às duras condições de vida de Portugal. Eles estão em Lyon, estão no sul da França, estão na Alemanha...

Nos estamos presentemente em Portugal com aproximadamente os mesmos elementos estatísticos que atrás mencionei...

que mudou portanto em Portugal, após a morte de Salazar? Nada mudou, ou se quiserem, mudou o estilo de governo...

Portugal não mudou, mudou o estilo de governo, o ditador português não mudou, mudou o retrato de Mussolini em cima da mesa de trabalho...

Minhas senhoras, meus senhores, não se deixem enganar por esta a situação em que estamos hoje...

Todos nós, que aqui nos encontramos, mantemos uma esperança para 1970, que talvez seja a prova do da fidelidade aos princípios republicanos em que fomos criados...

E não dá de par a os vultos da Republica — não posso deixar de prestar a minha homenagem, a homenagem da minha homenagem, a homenagem da minha homenagem...

bra indolenta, companheiros de todas as lutas, que estavam sempre na primeira linha e que durante tantas anos foram organizadores destas comemorações...

Mas o Augusto Aragão está presente hoje aqui, representado pelo seu companheiro, Irene Aragão...

Prezados amigos, confraterneiros, companheiros, eu não posso depois de tudo o que disse, deixar hoje aqui precisamente aquilo que se chama uma pura mensagem de esperança...

OS JORNALISTAS, HOJE

Francisco Vidal

Um dos mais recentes números da excelente revista portuguesa "Seara Nova" (n.º 1511, de setembro de 1971), um veículo de ideias...

que quer outro editado na nossa terra — não escape ao infamante labuta de ser obrigado a apor na sua capa o habitual "Visado pela Comissão de Censura"...

Começa o articulista por citar um outro artigo aparecido na revista espanhola "Triunfo", e que se deve a pena de Manuel Vasquez Montalban...

Max, se podemos ter a certeza de alguma coisa essa coisa é que o poder que pode continuar a sustar a Informação não está nas mãos dos jornalistas...

Pressequendo T. O., continua o quanto Vasquez Montalban quando escreve e põe o poder...

Logo após a citação da virgula que acabou no proibitolo, pois na verdade é a arte de a burguesia de informar utilizou-o a burguesia para penetrar na fortaleza do antigo regime...

a vitória. Não disse que mais de 50 anos antes da Republica já é lutavam e difundiam as ideias republicanas, não contei que já no 31 de janeiro de 1891, quase vinte anos antes do 5 de outubro...

cos politicos sociais — com o mesmo comum da sua identificação com o sistema. A empresa privada da Informação defende-se da história, da realidade, dos próprios profissionais...

Depois de glosar o assunto com a maior inteligência e clareza o articulista da "Seara" termina suas considerações com este trecho que consideramos lapidar: "Repetir reportagens à realidade nacional deveremos admitir que grande parte dos aspectos acima focados também têm aplicação ou estão em vias de a ter. Relativamente à concentração de empresas...

Não se torna necessário, nem o espaço nos permitiria, como aliás desejariamos, hipotecando tudo a nossa concordância ao que se expõe no artigo e ao assunto. Por isso ficamos por aqui, pois a verdade é, por si só, suficientemente elucidativo do que não se permitiu escrever e portanto, embora profundamente melancólico, representa o que autorizam quem jamos todos nós "os jornalistas, hoje".

NATAL DO PRESO POLITICO

Renovamos o apelo dirigido aos nossos assinantes e amigos para que contribuam com o exito da tradicional campanha do Natal do Preso Político Português.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes names like João Manoel, Miguel Ferreira, Miguel Rodrigues, Alfredo Masson, Alexandre Pereira, Joaquim Quiterio and amounts in Cr\$.

PORTUGAL
DEMOCRÁTICO

A Descolonização é um Processo Inevitável

-afirmou Carlos Guilherme Mota

Publicamos abaixo o discurso pronunciado pelo Doutor Carlos Guilherme Mota, professor de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo:

I

É uma honra para mim estar hoje aqui em sua companhia, comemorando o sexagésimo primeiro aniversário da República Portuguesa, em confraternização republicana. É também uma honra porque neste lugar, onde estiveram as compartilhas brasileiras e democratas do porte dos professores Paulo Duarte, Antonio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Rui Coelho e Octávio Ianni. É uma honra porque temos a oportunidade de estabelecer algumas afinidades, buscando mais uma vez vislumbrar o que houve de errado nestas quatro décadas lamentáveis que tanto distanciaram Portugal de uma trajetória histórica digna e autêntica. Conquanto seja uma honra estar aqui no lado dos amigos portugueses, é para nós brasileiros, que desejamos, não deixa de aborrecer-nos o fato de este encontro não estar sendo realizado em Lisboa, ou no Porto, ou em Eivas, ou em Évora, ou no Barreiro.

Para a comemoração do 5 de outubro de 1910, esteve relendo o Discurso em manuseio de 1870), de um mulato nordestino brasileiro, o conhecido Tobias Barreto. Lembra-me, a certa altura, o padre Lacordaire, que dizia que a posição mais desfavorável ao orador é quando tem de falar a homens que jantam. E fazia referência a uma posição ainda mais desfavorável: a do orador que fala a homens que tem fome. Não me sai da memória a lembrança de viagem de pesquisas históricas em arquivos lisboetas, em 1968, quando, com esparto, vi, pela primeira vez, no início da rua Brancamp (a alguns metros da estátua do Marquês de Pombal) pai e filho jogando cartas comendo num mesmo prato. Duvidei por um momento — iniciante que era nas verdades não-oficiais portuguesas — e achei que algo havia de errado. Não pensava que tal pudesse existir na Europa, a alguns quilômetros do Mercado Comum Europeu. Dias depois, fui convidado-me de um trem de segunda classe, para a França, tive a maior lição da História de Portugal Contemporâneo, bebendo vinho com emigrantes portugueses pobres que iam fornecer sua mão de obra não-qualificada para empresas francesas que a utilizavam de maneira brutal. Para muitos era um Salto do analfabetismo para condição melhor; para outros, a única alternativa: emigrar. Para a França, e outros países europeus um bom negócio; a não-qualificação técnica do trabalho desses emigrantes, os salários de curto prazo para serviços mais pesados e grosseiros apresentavam-se como solução para problemas que a sociedade liberal francesa não poderia resolver, tendo em vista o grau de organização sindical dos trabalhadores franceses, que se recusam a certos tipos de atividade (não chegando, entretanto, a lutar pelos seus companheiros portugueses). Para o governo português, também este é um bom negócio: a emigração para

outras áreas elimina mão de obra excedente, que, concentrada em certos núcleos urbanos, representa um potencial de tensão não desejável para o equilíbrio do regime. E mais: ganha o Governo facilidades portuguesas, porque muitos desses emigrantes sempre retornam com algum rendimento acumulado, isto é, com salários que sua Pátria, por causa das estruturas sociais, não quis e não pode dar. Não podemos dizer que não quis ou não soube dar: os problemas portugueses têm sido amplamente estudados pela inteligência que, de resto, permanece criativa e atenta às transformações do mundo português. É bem verdade que os principais diagnósticos de realidade não provêm dos setores oficiais: em da França, vêm dos Estados Unidos, vêm da Bélgica, vêm da Itália, vão do Brasil, onde foram obrigados a se refugiar representantes do que há de melhor quando a reflexão do Portugal Contemporâneo. E quem corajosamente ficou, ou foi marginalizado convenientemente, ou foi obrigado a sofrer ultrajes, como foi o caso do finado Professor Doutor Egas Moniz, único prêmio Nobel em língua portuguesa, suportando a condição, como ele mesmo dizia, de "exilado em meu próprio país". Não faio da situação universitária portuguesa atual, porque o quadro é por demais melancólico. Quando penso que físicos do porte de Manuel Valadares, Rui Luis Gomes, Bento de Jesus Caraca, José Morgado, historiadores da garra de Vitorino Magalhães Godinho, Joel Serrão, Oliveira Marques (um dos últimos demitidos da Universidade de Lisboa, o maior medievalista português contemporâneo e autor de recente obra sobre A primeira república portuguesa — para uma visão estrutural), Rodrigues Lapa, Barradas de Carvalho e Professores e escritores como Adolfo Casals Monteiro, Jorge de Sena, Rodrigues Miguéis, Oscar Lopes, Antonio Sérgio Fidalgo de Figueiredo, Jaime Cortesão, Anzevilo Gomes, Vitor Ramos, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Rui Grácio, Castro Soromenho, José Cardoso Pires, Stevan Monteiro e outros, não tiveram oportunidade de criar equipes e orientar o crescimento da juventude portuguesa, estimulando vocações, verifico que as nuvens são mais escuras do que parecem.

II

O quadro é sombrio. O fechamento de sindicatos; a não-contratação de professores

para as Universidades e outros núcleos de ensino (professores que não sejam áulicos e cultivadores de deformações corteses); a despolitização dos emigrantes que (inclusive aqui no Brasil) se esquecem das agruras vividas na antiga Pátria; as agruras que, de resto, os obrigam a procurar um destino melhor alhures); uma liberdade de imprensa que é uma ficção completa; uma mudança semântica de PIDE para Direção Geral de Segurança, parecem indicar que nada mudou. Ou antes: estão sendo mudados os rótulos mas os conteúdos são os mesmos, ou piores. A situação é tão melancólica, que o historiador contemporâneo não tem dificuldades em apontar por que sequer se cogita hoje da entrada de Portugal no Mercado Comum Europeu, fato que poderia agrandar pelo menos parcelas da impotente burguesia liberal. Aliás, não vejo, sinceramente, como esta alternativa poderia redundar em benefício para o povo português como um todo, uma vez que ficaria ele com um caudatário do processo econômico cujos polos de desenvolvimento não estão em Portugal. Mas não deixa de ser lamentável que, nos últimos quarenta anos, Portugal tenha permanecido à margem da história europeia, conservando ciosamente seu altíssimo índice de analfabetismo, distanciando-se cada vez mais dos ideais de 1910.

Luta-se perto de Cabora Bassa

Os colonialistas portugueses desencamparam uma campanha de terror contra o povo das duas margens do Rio Zambéze, na província de Tete, bairrada do FRELIMO. Milhares de panfletos foram lançados por aviões, nos quais a população é avisada de que será morta e avisada de que será morta se atravessar o rio. O texto escrito em português e em duas línguas locais intitulava-se: "AVISO A POPULAÇÃO". Esse texto é o seguinte:

"O inimigo está a atravessar o rio Zambéze para fugir ao exército português e também para dar guerra a outros elementos da população. O exército tem que proteger a população contra estes bandidos. Mas se o exército vê pessoas no rio, não sabe se elas são membros da população ou bandidos. A população não deve atravessar o rio. A população não deve andar junto com bandido. O exército matará os bandidos que atravessarem o Zambéze. Não atravesse o rio. Fuja dos

As persistências do Ancien Régime são demasiado fortes em Portugal para pensarmos, agora, em soluções de compromisso. O Antigo Regime português, hoje, sofre seus abalos mais fortes a partir da guerra colonial. O governo sucessor de Oliveira Salazar não parece ter compreendido que a descolonização é um processo dominante e inevitável, desejado até mesmo pelas potências que de Portugal se serviram para a manipulação das riquezas africanas. A própria Igreja Católica está atenta ao macabro ridículo da existência de "Províncias Ultramarinas" (outra fórmula semântica para encobrir a situação colonial), e não foi nem ingenua nem impensadamente, sua Santidade o Papa Paulo VI recebeu, no ano passado, em audiência especial, líderes emancipacionistas da África portuguesa.

III

Em 1971, quando a guerra colonial em Angola entra em seu 11.º ano; quando na Guiné o contralé já calou por entre os dedos do Cabora Bassa; quando o Papa recebe em audiência líderes africanos; quando o melhor da intelectualidade que não compactou com o regime está exilada ou perdeu suas cátedras e foi substituída por profissionais necessários do saber oficial que não merecem o respeito intelectual e humano da juventude, quando o colonialismo é anali-

bandos. De outro modo você será morto."

Estes panfletos mostram que a Frelimo conseguiu travar o rio Zambéze.

Nesta área trava-se uma luta violenta que terá como resultado final a construção ou não da barragem.

A 15 de Julho de Frelimo anunciou que em 9 de Abril, uma coluna de camións protegida por soldados portugueses, na estrada do Tete para Cabora Bassa, tinha sido numba emboscada. Entre os camións capturados estava um que tinha um grande número de instrumentos de precisão e documentos para a construção da barragem. Os últimos comunicados do exército português falam de "fortes acções" da Frelimo na zona da barragem e nas vias de comunicação. O governo português decidiu unir a administração civil e militar, ao mesmo tempo em que começou a treinar Africanos para defenderem a barragem.

sado e criticado não só por cientistas do porte do professor Charles Ralph Boxer, José Honório Rodrigues, Basil Davidson, Sérgio Buarque de Holanda (para citar apenas alguns nomes mundiais), e até mesmo por teóricos do Mercado Comum Europeu e analistas políticos da Santa Sé, pode-se prever que Portugal entrou por um corredor sem saída: o da descolonização.

E perdas às escoras no mundo africano, chegará a hora de olhar para dentro de casa e iniciar a limpeza das telas corporativistas e das pelas fronteiras durante mais de quarenta anos. Ai, então, a história portuguesa poderá retomar o curso de sua verdadeira trajetória, e a oposição anti-fascista, unida, poderá reorganizar 1910, e realizar um caminho digno de ser trilhado e comemorado.

Afinal, se um homem como André Malraux retomou sua própria biografia, voltando à ação, no Paquistão, um país as potencialidades de Portugal poderá e deverá fazê-lo também.

PORTUGAL
DEMOCRÁTICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Edison Rodrigues Chaves

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva R. do Hospício, 148. 1.º. Apto. 108

LONDRIA: Jui Duarte — Edifício Central Comercial — Apto. 141

INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Fernham Road, London, S.W. 8

BELGICA: Mercedes Guerrero — Av. Schaerbeek, 648 — 1.800 — Vilvorde — Bruxelles — Belgique

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Kienburg 253 — Amsterdam — 18

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 1104 Dovercourt Road P.O. Box 72 Weston/Ontário

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay, Casilla de Correo N.º 2128 — Distrito 5 Montevideo

CHECOSLOVACIA: João Ribeiro - Postovní Úrad/Indrská UL. C 14 Stránská 646 — Praha 1 — Tchechoslovaquia

FRANÇA: Grupo de Amigos de "Portugal Democrático" - 2, Place François Villot - 92000 - Boulogne - La Courvenneux — Seine — França

REDAÇÃO:

Rua Ibero Badaró n.º 488 — 5.º andar, sala 50 — Tel.: 37-0933 Caixa Postal, 6248

Composto na Letras Editôres Ltda. Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas Assinatura para o exterior US\$ 5,00

Ano XVII — N.º 183 NOVEMBRO DE 1971

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCENDIO

SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SAO PAULO

SAJNÇES CONTRA O GOVERNO DE CAETANO PEDIDAS À XXV ASSEMBLEIA DA ONU

Outubro, 1971

Democratas portugueses radicados em seis países americanos on- de a Oposição se encontra organizada enviaram à XXV e Assembleia Geral das Nações Unidas um Memorial definindo a sua posição dian- te dos graves problemas criados pela guerra colonial. O documento, que tem como primeiro signatário o Professor Ruy Luiz Gomes, foi assinado por destacados elementos da emigração anti-fascista por- tuguêsa do Brasil, do Canadá, dos Estados-Unidos, da Venezuela, do Uruguai e da Argentina. Publicamos-lo, abaixo, na íntegra.

TEXTO DO MEMORIAL

1 — Decorridos três anos da substituição do sr. Oliveira Salazar pelo sr. Marcelo Caetano na chefia do governo de Lisboa, o povo português continua impedi- do de debater livremente o seu en- volvimento num sério de crises coloniais iniciadas em 1961 e de manifestar perante as Nações U- nidas o seu repúdio pela política de opressão e genocídio praticada em África em seu nome. Em Por- tugal, a repressão agourososa e o número de presos políticos dupli- cou nos últimos quatro meses; nu- merosos sindicatos foram fechados e seus dirigentes presos; universi- dades não invadidas e numerosas faculdades fechadas.

2 — A revolta contra a guerra colonial se traduz-se em manifestações nos quartéis e nas ruas, em protestos contra o embarque de tropas e elevado número de deser- ções de oficiais e soldados. Ultima- mente uma série de actos de vio- lência — destruição de helicópteros, aviões no Bazar de Tancois, o pânico da Central de Telecomuni- ções de Lisboa durante a reunião da NATO na capital portugue- sa, sabotagens de transportes de tropas e destruição de material de guerra destinado às colónias — tiveram associados à oposição. A queda vez mais firme do povo de Portugal às guerras coloniais. De outro lado milhares de jovens, para fugirem à prestação do serviço militar, emigram clandestinamen- te. O último censo demonstrou que em dezenas de municípios rura- is a população está diminuín- do de modo alarmante.

3 — A concentração forçada de populações africanas em "aldeias estratégicas", a tortura de prisioneiros, as chacinas coletivas e o "tratamento desumano infringido aos presos nos campos de concentra- ção como o do Tarrafal e do Ilha das Galinhas comprovam a prática pelas autoridades portu- guesas de crimes contra a huma- nidade sobre os quais existe hoje ampla e irrefutável documentação. O uso de produtos tóxicos, herbi- cidas, particularmente na Guiné e em Angola, tornou-se comum em bombardeamentos realizados pela Força Aérea Portuguesa. O Comité Especial dos 24, das Na- ções Unidas, e a Comissão dos Di- reitos Humanos, em relatório este ano, em relatórios especiais, a- tenção para esses crimes mon- struosos. Simultaneamente uma grande fome está assolando as Ilhas de Cabo Verde e vitimou mi- lhares de pessoas, sem que o go- verno português tome medidas adequadas para enfrentar o flagelo.

4 — A agressão armada contra a República da Guiné, preparada e executada por elementos das Forças Armadas Portuguesas, com a aprovação do sr. Marcelo Caeta- no, veio confirmar, em novembro de 1970 que a política do governo de Lisboa e seus actos represen- tam, em África, uma ameaça real e permanente à Paz Mundial. A enérgica atitude do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral, condenando a intervenção na Guiné e a tentativa de derrubamento do presidente Sekou Touré pelas forças portuguesas de invasão não tiveram qualquer efeito. Poste- riormente, unidades militares por-

tuguêsas aquaretadas na Guiné- Bissau continuaram violando as fronteiras da República da Guiné —ameaçando repetir a agressão. A República do Senegal, pelo seu la- do, viu-se forçada a apresentar queixa ao Conselho de Segurança após a destruição da aldeia de Kandegou por forças portuguesas e a morte de várias pessoas, viti- madas pela explosão de minas seme- adas em território senegalês por elementos do exército colonial português.

5 — A política agressiva do go- verno do sr. Marcelo Caetano con- tinua contando com o apoio indire- to de vários países, nomeada- mente os Estados Unidos, a França e a República Federal Alemã. A presença de "conselheiros mili- tares" americanos em Angola e Moçambique tem sido alvo de denún- cias por desertores do exérci- to português. A venda de aviões de transporte Boeing a Portugal, proibida pela lei de embargo dos EUA, representou também uma importante ajuda ao colonialismo português, suscitando inclusive enérgico protesto do senador Ed- mund Muskie, na Câmara Alta norte-americana. O governo fran- cês, passando por cima das Resolu- ções do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral, continua a fornecer Portugal modernos equi- pamentos navais e aéreos que permitem ao sr. Marcelo Caetano ampliar o genocídio colonial.

6 — Ante os fatos expostos, e considerando que o governo do sr. Marcelo Caetano continua desen- volvendo em África uma política que representa uma ameaça directa à Paz Mundial e, com a ajuda da África do Sul, e a convicção de outras potências, se prevê levar essa política às suas últimas con- seqüências, os signatários, democratas portugueses radicados no Continente Americano — no qual vivem 2 milhões de portugueses — renovam o seu apoio à Resolução 1514 (XV) da Assembleia Geral de 14 de Dezembro de 1960 sobre a concessão da independência aos países e povos coloniais e a todas as Resoluções posteriores adota- das pela Assembleia Geral e pelo Conselho de Segurança, condenando o colonialismo português. E, para que os altos objetivos em vista sejam alcançados, sugerem:

- a) — Que a Assembleia Geral, como primeira medida para o restabelecimento da paz em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné —Bissau, exija do governo do Sr. Marcelo Caetano a imediata retirada de todas as forças militares que ali mantêm, estimadas em 150.000 homens.
- b) — Que a Assembleia Geral condene a sustentação económica e militar que os governos dos Estados Unidos, da França e da República Federal Alemã continuam dispensando ao governo de Lisboa.
- c) — Que a Assembleia adopte as medidas necessárias, de acordo com as Resoluções aprovadas em anos anteriores, para que sejam aplicadas sanções ao governo de Lisboa, em consequência da sua recusa em conceder a independência às nações africanas contra as quais vem cometendo o crime de genocídio.

a) Ruy Gomes, professor uni- versitário e ex-candidato à Presidência da República Portuguesa.

Pelos DEMOCRATAS PORTU- GUESES DE SÃO PAULO: Jorge Fidelino de Figueiredo, engenhei- ro; Francisco José Sarmento Pin- tel, industrial; Raul Cliraco da Cunha, oficial do Exército; Ho- racio Lima, industrial; Mercedes Castro Soromenho, tradutora; Vi- tor Ramos, professor universitário; Manuel Ferreira, técnico indus- trial; Alexandre Pereira, minera- dor; Joaquim Queirós, sociólogo; Armando Castro, alfaiate; Joa- quim José, almoxarife; João Rino, publicitário; Alfredo Masson, en- genheiro auxiliar; José Marujo, co- merciante; Fieureta Rodrigues, tradutora; Mendes André, indus- trial; Carlos Assumpção Neves, co- merciante; Manuel Soares, indus- trial; Luiz Botelho, técnico admi- nistrativo; Maria Neves, prendas domésticas; Helder Costa, secretá- rio; Myre Dores, engenheiro; José Luiz Antunes, industrial; Má- ria Irolinda Roque, estudante; Jo-

sé Alexandre de Jesus, técnico in- dustrial; Maria Manuela Brito, prendas domésticas; Suzana Bento, estudante; Armandina Correia, es- tudante; João Fonseca Martins, comerciante; America Quiltes, es- tudante; Antonio Gonçalves Bala, técnico eletrónico; Armanda Pin- to Correia, prendas domésticas; Jorge Galvão de Figueiredo, eco- nomista; Herlander Gomes, pro- jetista; Miguel Urbano Rodrigues, jornalista; Vitor Martins, estu- dante; Júlia Gomes, prendas do- mésticas; Mario Loureiro; Edgar Senra, construtor civil; José Matias, secretário; Dirce Lima, prendas domésticas; Albio Rod- riques da Silva, editor, etc.

Pelos DEMOCRATAS PORTU- GUESES DO RIO DE JANEIRO: Francisco Vidal, engenheiro e jor- nalista; Eugénio Mercês, comer- ciante; José Costa Bastos, operário; Antonio José Bravo, comerciante; Luiz Velga Leitão, escritor; José Valverde, industrial; Carlos Mercês, estudante; Jaime Sabinho, co- merciante; Amílcar Mercês, co- merciante; João Luiz Correia, co-

merciante; Manuel Neto; Joaquim Simões.

Pelos DEMOCRATAS PORTU- GUESES DO RECIFE: José Morgado, professor universitário e Angelo Ferreira da Silva comercian- te.

Pelos DEMOCRATAS PORTU- GUESES DOS ESTADOS UNIDOS: Francisco Aleixo, Ana Melo, Sérgio Melo e Margarida Aleixo.

Pelos DEMOCRATAS PORTU- GUESES DE BAHIA BLANCA e MAR DEL PLATA (ARGENTINA) Prof. Anacleto Monteiro e José de Jesus Pina.

Pela JUNTA PATRIÓTICA PORTU- GUESA DO URUGUAI: Aurélio Martins, Feliciano da Silva, Joaquim Aires, Américo Ponte, e Marques do Vale.

Pela JUNTA PATRIÓTICA PORTU- GUESA DA VENEZUELA: Antonio Gomes da Silva, José da Cos- ta Lopes, A. Martins, Martinho Sil- va, Fernando Tardinho e João Lopes.

No próximo número publicare- mos a lista dos nomes dos democratas portugueses do Canadá, que assinarão o documento.

Pequenas Notícias

■ A condenação do colonialismo pelos cardeais e bispos reunidos em Roma, no Sínodo, deixou Mar- ccelo Caetano alarmado. O go- verno fascista teme que uma pon- derada a heróica luta pela inde- pendência dos povos submetidos ao colonialismo fascista de Caeta- no e Cia.

■ Segundo a Revista de Marinha, a Armada portuguesa conta pre- sentemente com 163 navios: 12 fra- gas, 7 corvetas, 4 submarinos, 17 barcos de patrulha, 14 caça minas, 42 guarda-costas, 13 embarcações auxiliares, 5 de apoio e 51 barcos menores. 104 desses navios acham- se em portos africanos, partici- pando da guerra colonial.

■ A visita do general Kauliza de Arriaga a Tete confirmou as pre- ocupações do alto comando de Moçambique ante a intensificação do des- ativismo da FRELIMO na região de Cabora Bassa. A insegurança na área atingiu tais proporções que as autoridades da vizinha Ro- dezia proibiram os seus cidadãos de viajarem de automóvel sem es- colta militar, no Distrito de Tete, desde que um rodésiano moçam- bicense da região de Cabora Bassa, em consequência da explosão de uma mina. O "Rhodesia He- rald", jornal direitista, publicou um artigo cheio de lamentações, pouco em dívida a capacidade do exército português para controlar a situação em Cabora-Bassa.

■ Segundo um comunicado publi- cado no jornal "Standard", de Dar

salienta "Portugal Informação" — é um crime contra a Nação enviar tropas para a África, tanto mais que essa política visa a dificul- tar a heróica luta pela inde- pendência dos povos submetidos ao colonialismo fascista de Caeta- no e Cia.

■ Segundo a Revista de Marinha, a Armada portuguesa conta pre- sentemente com 163 navios: 12 fra- gas, 7 corvetas, 4 submarinos, 17 barcos de patrulha, 14 caça minas, 42 guarda-costas, 13 embarcações auxiliares, 5 de apoio e 51 barcos menores. 104 desses navios acham- se em portos africanos, partici- pando da guerra colonial.

■ A visita do general Kauliza de Arriaga a Tete confirmou as pre- ocupações do alto comando de Moçambique ante a intensificação do des- ativismo da FRELIMO na região de Cabora Bassa. A insegurança na área atingiu tais proporções que as autoridades da vizinha Ro- dezia proibiram os seus cidadãos de viajarem de automóvel sem es- colta militar, no Distrito de Tete, desde que um rodésiano moçam- bicense da região de Cabora Bassa, em consequência da explosão de uma mina. O "Rhodesia He- rald", jornal direitista, publicou um artigo cheio de lamentações, pouco em dívida a capacidade do exército português para controlar a situação em Cabora-Bassa.

■ Segundo um comunicado publi- cado no jornal "Standard", de Dar

Es Salam, Tanzânia, morreram 1603 militares em Moçambique, em combates entre as forças da FRELIMO, no período compreendido en- tre junho de 1970 e Julho de 1971.

■ O Conselho Mundial das Irelras concedeu uma ajuda de 14 milhão de dólares aos movimentos nacio- nalistas que lutam em África con- tra o colonialismo.

■ O PAIGC vai receber 175.000, o MPLA 175.000 e a FRELIMO 140.000.

■ A FRELIMO, que ao iniciar a luta pela independência de Mo- çambique, contava apenas com 200 militantes em condições de comba- tuer, dispõe presentemente de 20.000 guerrilheiros, segundo declarações feitas em Dar Es Salam por Joa- quim Chissano, um dos dirigentes daquele movimento nacionalista.

■ O secretário da marinha dos Estados Unidos, John Chafee visitou Lisboa acompanhado de vários membros do seu gabinete. A via- gem teve relação com planos da NATO.

■ Foi libertado em princípios de Setembro o grande patriota Agost- to Blanqui Teixeira. O governo viu-se forçado a libertar o destau- do anti-fascista sob pressão de uma grande campanha internacio- nal e nacional de solidariedade. A combativa atitude assumida pela Ordem dos engenheiros e por cen- tenas de colegas de Blanqui Tex- teira foi decisiva.

TECNO MOLDES LTDA.

EMBALAGENS DE
POLIETILENO
SACOS - FILMES
TUBOS
MAQUINA PARA
SOLDAR SAQUINHOS
DE PLASTICO

MOLDES PARA
PLASTICO
FERRAMENTAS
CORTE E REFUXO

N.º 663 RUA Barão de Iguape N.º 669

Endereços de Assinantes
Rua Liberto de Sá, 468 — Es. S.º 5.º
PORTUGAL DEMOCRÁTICO